

OSM / 79

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
30.º ANIVERSÁRIO DE SUA CRIAÇÃO



4 de maio, 1979, sexta-feira, às 19 horas
6 de maio, 1979, domingo, às 10 horas

TEATRO MUNICIPAL

Prefeitura do Município de São Paulo/Olavo Egydio Setubal
Secretaria Municipal de Cultura/Sábato Antônio Magaldi
Departamento de Teatros/Luiz Nagib Amary

O S M / 79

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

30.º aniversário de sua criação

4 de maio, 1979, sexta-feira, às 19 horas

6 de maio, 1979, domingo, às 10 horas

CONCERTO IV

Programa

1.ª Parte

GIAN FRANCESCO MALIPIERO

Impressioni dal Vero (Impressões da Natureza)

I - *A Toutinegra*

II - *O Pica-pau*

III - *A Coruja*

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)

Concerto em la menor - Opus 54, para piano e
orquestra

- *Allegro affetuoso*

- *Andante grazioso - Intermezzo*

- *Allegro vivace*

Solista

ILAN ROGOFF

2.ª Parte

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

TRÊS NOTURNOS

- *Nuages (Nuvens)*

- *Fêtes (Festas)*

- *Sirènes (Sereias)*

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Erosão - Poema Sinfônico

ORQUESTRA SINFÔNICA
MUNICIPAL

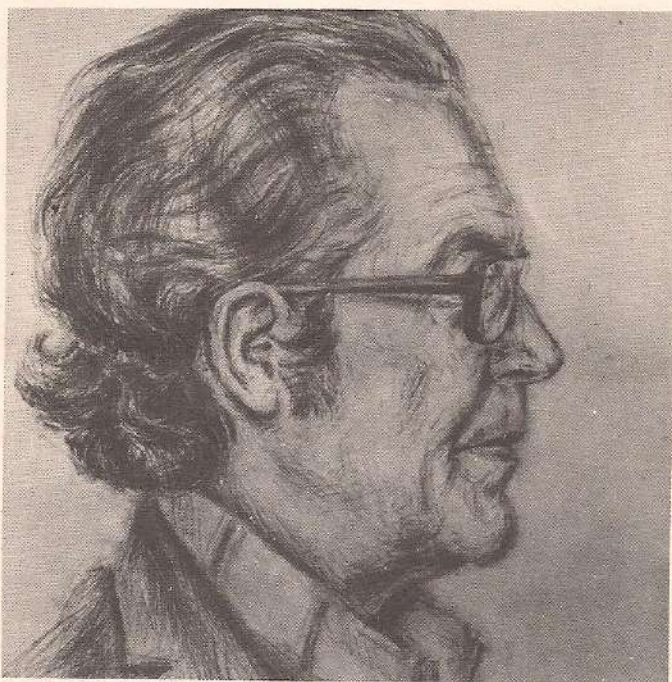
Regente

SERGIO MAGNANI

CORAL PAULISTANO

Regente do Coro

MIGUEL ARQUERÓNS



SERGIO MAGNANI

Nasceu em Udine (Itália) onde fez seus estudos clássicos e musicais. Posteriormente foi discípulo de Alfredo Cosella nos cursos de aperfeiçoamento do Conservatório de Santa Cecília, em Roma. Formou-se como pianista, compositor, regente, musicólogo, Doutor em Direito e em Letras Clássicas pela Universidade de Roma.

Depois da segunda guerra mundial em que participou como oficial combatente, reiniciou a atividade concertística e foi, de 1947 a 1950, diretor dos programas de música de câmara e sinfônica da Rádio Italiana, além de redator-chefe do "Radiocorriere".

Em 1951 mudou-se para o Brasil. Foi regente titular da Orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos e da Sociedade Coral de Belo Horizonte com a qual manteve uma média de apresentações de cinco a seis óperas por ano. De 1964 a 1968 foi regente titular da Orquestra Sinfônica da Universidade da Bahia e professor de regência e matérias teóricas na mesma Universidade. De 1972 a 1976 ocupou o cargo de regente titular do Palácio das Artes de Belo Horizonte. Pertence ao corpo de fundadores da Universidade Mineira de Arte e da Fundação de Educação Artística, em Belo Horizonte. Fundou o Coro da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais, mais tarde transformado em "Ars Nova". Já regeu as principais orquestras do País, e temporada de ópera em Portugal.

É escritor de ensaios musicais e conferencista, reconstrutor de obras inéditas do barroco mineiro, já apresentadas em

concertos. Atualmente é professor da Universidade Federal de Minas Gerais, ensinando Análise nos Cursos de Especialização da Escola de Música e Literatura Italiana na Faculdade de Letras. É cidadão honorário de Belo Horizonte tendo recebido a Medalha de Honra da Ordem da Inconfidência Mineira, por méritos culturais e artísticos.

ILAN ROGOFF

Natural de Tel Aviv, iniciou seus estudos musicais com sua mãe, prosseguindo-os com o professor Karol Klein, na Academia de Música de Tel Aviv, com o pianista Stefan Askenase, no Conservatório Real de Bruxelas e com Leonard Shure, no Manner College of Music, de Nova York.

Conquistou os seguintes prêmios: 1.º prêmio com Louvor, no Concurso Internacional de Piano realizado no Estado de Israel, 1.º Prêmio com "Grande Distinção", no Conservatório Real de Bruxelas, Bolsas de Estudos do Governo Belga e da Fundação Cultural América-Israel, 1.º Prêmio da International Recording and Broadcasting Corporation, Prêmio de Melhor Intérprete da Música Brasileira no I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro (1969) e um Prêmio Especial do Fundo para a Música "Martha Baird Rockefeller". Iniciou sua carreira artística em 1955 e a partir de então, realizou extensas "tournées" pela Europa, Estados Unidos, Israel e América do Sul, atuando como recitalista e solista de famosas orquestras, sob a regência dos mais renomados maestros internacionais.

Recentemente realizou extensa "tournee" pelos Estados Unidos, como solista da Orquestra Filarmônica de Israel, sob a regência do maestro Zubin Mehta.

NOTAS DE PROGRAMA

Concerto em La Menor, Opus 54, para Piano e Orquestra

O Concerto em La menor de Schumann é obra de maturidade e nasceu de uma "Fantasia" que o compositor havia escrito, em 1841, especialmente para ser tocada por sua mulher, a grande pianista Clara Wleck. Alguns anos depois, em 1845, o compositor resolveu transformar essa partitura no primeiro movimento de um concerto, acrescentando a ele, em 1845, dois novos movimentos, atingindo a bela forma tripartida que hoje conhecemos.

Schumann não desejou ater-se aos modelos formais que via no passado recente, em Beethoven. Era de opinião de que a sua obra colocava-se em um espaço expressivo diverso, "algo entre o concerto, a sinfonia e a grande sonata". Dessa maneira, chegou ao resul-

tado final através de uma enorme liberdade estrutural que fez do piano - veículo de expressão poética e nunca mero instrumento pirotécnico - o centro de toda a composição, dialogando frequentemente com instrumentos isolados ou com pequenos grupos instrumentais, atingindo nuances inauditas no gênero concerto. No andamento inicial, um *Allegro affetuoso*, o primeiro tema, de envolvente lirismo, dá o tom geral ao discurso, auxiliado por dois motivos secundários. Variando mais do que desenvolvendo esse material, Schumann consegue dar fantástica unidade a esse segmento em que até mesmo a cadência - instante em que o solista reflete sobre os materiais básicos - ao mesmo tempo em que deixa expandir a sua fantasia - foi escrita pelo compositor. O movimento central - *Intermezzo: Andantino grazioso* - é uma requintada troca de idéias entre o piano e o tecido orquestral, de transparência ainda maior do que no *Allegro*. Liga-se, sem interrupção, ao *Allegro Vivace* final, o qual é aberto com uma rememoração do primeiro tema ouvido no concerto. Este, auxiliado por uma "situação valsante", impele o discurso para as regiões do franco brilho expressivo e instrumental.

EROSÃO - Poema Sinfônico

Erosão é um poema sinfônico que pretende interpretar, sonoramente, a lenda ameríndia que fala da "Origem do Rio Amazonas", lenda recolhida por Barbosa Rodrigues. A narrativa fala do cataclisma do vale do Amazonas e a elevação dos Andes.

Escrita em 1950, fruto do final de uma vida abundantemente dedicada à composição (Villa-Lobos deixou cerca de mil obras), Erosão é bem representativa da tendência do nosso compositor maior, segundo a qual os pressupostos formais da arte musical deveriam dobrar-se diante da necessidade de expressão. Assim, nada mais natural que essa partitura, como tantas outras escritas por ele, acabe por ser uma longa rapsódia onde a linha melódica, soberana, corta o discurso de ponta a ponta. Nesse sentido, aliás, Villa-Lobos chegou aqui a um resultado muito interessante: para sugerir a atmosfera de mistério primitivo de antes da criação do rio, empregou harmonias soltas e motivos em aparente desordem, apoiados em percussão discreta; para mostrar esse Rio sendo criado e já correndo, foi como que "soltando" o fio das suas amplas melodias que se espalharam por todas as bor-

das de um tecido orquestral que soube explorar os efeitos de cordas solistas, das madeiras produtoras de finos arabescos, de certos metais utilizados dentro de tessituras graves e "opacas" e da percussão, sempre muito colorida.

Nocturnes

Escritos entre 1898 e 1899, os Três Noturnos de Debussy entusiasmaram a crítica e o público quando da sua primeira audição parcial, em dezembro de 1900. O compositor, que tinha um gosto especial pelos programas literários, falou assim do seu tríptico: "O título Noturno quer tomar aqui um sentido mais geral e sobretudo mais decorativo.

Não se trata, portanto, da forma habitual de Noturno, mas de tudo o que essa palavra contém de impressões e de luzes especiais. 'Nuages' ('Nuvens'): o aspecto imutável do céu com o caminhar lento e melancólico das nuvens, terminando em uma agonia cinzenta, docemente tingida de branco. 'Fêtes' ('Festas'): o movimento, o ritmo dansante da atmosfera com brilhos de luz brusca; é também o episódio de um cortejo (visão resplandescendente e quimérica) passando através da festa, confundindo-se com ela; mas o fundo permanece, obstina-se, e é sempre a festa e a sua mistura de música, de poeira luminosa participando de um ritmo total. 'Sirènes' ('Sereias'): o mar e o seu ritmo inumerável; depois, entre as vagas prateadas pela lua, espalha-se, ri e passa o canto misterioso das sereias".

Sob um prisma menos literário poder-se-ia dizer que os Três Noturnos demonstram, de forma criativa, algumas das preocupações fundamentais de Debussy: antes de mais nada, para com o timbre, a "cor" instrumental, que ele desenvolveu em torno de alianças sonoras inéditas; depois, para com a harmonia, que ele pulverizou e suspendeu, empregando as suas sutilíssimas armas dos acordes sem resoluções e de complexa estruturação interna, dos modos antigos e/ou exóticos, dos instantes sonoros em que os timbres se fundem, esgarçando as noções acadêmicas da harmonia; depois, ainda, o tratar a melodia como entidade reticente - enunciada de maneira sempre sugestiva e nunca discursiva; e, talvez por fim, a tentativa de criar novas formas (aqui, elas são repensadas a partir das noções de simetria e de assimetria), em um universo sonoro em expansão.